

Article

“Cadernos de Navegação Geopoética”: Uma Abordagem Humanista na Compreensão do Lugar

Danieli Barbosa de Araujo¹, Jeani Delgado Paschoal Moura²

¹ Pós-doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina- UEL. ORCID: 0000-0002-9980-3393. E-mail: danieli.araujo@uel.br

² Doutorado. Docente no Departamento de Geografia na Universidade Estadual de Londrina – UEL. ORCID: 0000-0001-5603-1074. E-mail: jeanimoura@uel.br

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a atual relação do ser humano com a Terra, destacando como as práticas humanas na contemporaneidade têm moldado e, por vezes, comprometido a autenticidade da experiência de habitar o mundo. Com base na geopoética, teoria desenvolvida por Kenneth White (1989-2019), o estudo busca transcender a racionalidade científica tradicional, oferecendo uma compreensão mais profunda e sensível do espaço geográfico, isto é, uma abordagem humanista do lugar. O objetivo é apresentar a metodologia dos “cadernos de navegação geopoética”, propostos por Rachel Bouvet, que integra o conhecimento científico e a criação literária, valorizando a experiência humana e a criatividade como formas autênticas de habitar o mundo. A pesquisa, de natureza qualitativa e alicerçada na Geografia Humanista, utilizou revisão bibliográfica e exploração prática dos princípios da geopoética. Os resultados indicam que a metodologia proposta por Bouvet proporciona uma nova forma de interação com o ambiente, enriquecendo a compreensão do espaço geográfico e reforçando a importância da experiência e da criatividade na construção de significados. A pesquisa sugere que, ao adotar práticas que valorizam a sensibilidade e a imaginação, é possível redescobrir o sentido do gesto de habitar, em contraste com a lógica exploratória da técnica moderna. Assim, o artigo contribui para a discussão sobre a relevância de uma abordagem humanista e criativa na interação com o ambiente, promovendo uma reflexão crítica sobre a relação entre ser humano e o espaço geográfico.

Palavras-chave: geopoética; metodologias qualitativas; geografia humanista.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on the current relationship between humans and the Earth, highlighting how contemporary human practices have shaped and, at times, compromised the authenticity of the experience of inhabiting the world. Based on geopoetics, a theory developed by Kenneth White (1989-2019), the study seeks to transcend traditional scientific rationality, offering a deeper and more sensitive understanding of geographical space, that is, a humanistic approach to place. The aim is to present the methodology of “geopoetic navigation notebooks,” proposed by Rachel Bouvet, which integrates scientific knowledge and literary creation, valuing human experience and creativity as authentic ways of inhabiting the world. The research, qualitative in nature and grounded in Humanist Geography, utilized bibliographic review and practical exploration of the principles of geopoetics. The results indicate that the methodology proposed by Bouvet provides a new way of interacting with the environment, enriching the understanding of geographical space and reinforcing the importance of experience and creativity in meaning-making. The research suggests that by adopting practices that value sensitivity and imagination, it is possible to rediscover the essence of the act of inhabiting, in contrast to the exploratory logic of modern technique. Thus, the article contributes to the discussion on the relevance of a humanistic and creative approach in interacting with the environment, fostering a critical reflection on the relationship between humans and geographical space.

Keywords: geopoetics; qualitative methodologies; humanistic geography.



Submissão: 18/08/2024



Aceite: 23/09/2024



Publicação: 07/11/2024



Introdução

“O problema é saber em que medida esta nova era do conhecimento geográfico, que mal ainda desponta, irá transformar as relações da humanidade com o seu ninho, Terra. Irá enriquecer e ampliar as possibilidades da nossa mente e da nossa afetividade? Evitar catástrofes que se apregoam a todo passo? No horizonte da cultura universal, qual será o futuro do Homem e da sua Terra?” (Daveau 1998, 64).

Na busca pela compreensão do lugar e das relações do homem com a Terra, é essencial transcender as limitações impostas pela racionalidade científica. A relação existencial, concreta e singular que o ser humano mantém com os lugares não pode ser totalmente conhecida ou compreendida apenas por meio do conhecimento científico clássico (Roggero 2023). Tal relação envolve cognição, percepção, imaginação, emoção e ação, situando o ser humano no espaço e no cosmos, no tempo e na história, na cultura e nos elementos da paisagem. Para expressar essa complexidade, é necessário convocar outros olhares e experiências, assim como outras metodologias.

As estratégias de ordenamento territorial, como apresenta Bouvet (2012), são frequentemente guiadas por exigências econômicas e de lucratividade, o que pode tornar os lugares inadequados para o florescimento da experiência, visto que negligenciam as necessidades das pessoas. Diante de circunstâncias desafiadoras, surge a questão: “como encontrar meios para viver e habitar o mundo?” (Bouvet 2012). É no caminho da geopoética, teoria concebida pelo escritor franco-escocês Kenneth White (1989), que Bouvet preconiza a busca por uma relação sensível e inteligente com a Terra, encontrando assim uma proposta de resistência.

Considerando a essencialidade da experiência para uma compreensão aprofundada do espaço geográfico e a busca por uma interação genuína com o mundo, a proposta de Martin Heidegger (1889-1976), delineada por Castro (2018), sugere que a essência da existência humana reside na capacidade criativa de habitar o mundo. A disposição criativa é a base pela qual a interação com o ambiente e com outros seres humanos adquire significado. Contudo, quando essa abordagem é influenciada pelas novas tecnologias e pela técnica moderna, emerge um modo de existir caracterizado pelo “fazer-explorador”. Nesse contexto, segundo Castro (2018), toda a criação humana é submetida à lógica inerente à técnica, marcada por conceitos como cálculo, rigor e exploração, visando a acumulação e o lucro. Nessa relação, o mundo é concebido como algo disponível, enquanto o homem assume o papel de sujeito determinante da forma como essa interação se realiza.

Tal reflexão nos incita a questionar o modo contemporâneo de habitar o mundo. A técnica moderna frequentemente relega a experiência a um segundo plano em prol da eficiência e da busca incessante por resultados tangíveis. Como podemos genuinamente habitar o mundo se, em nossa busca pelo progresso, negligenciamos a experiência humana? Torna-se imperativo promover a experiência como meio essencial para compreender e habitar o mundo de maneira autêntica.

Com o anseio de habitar criativamente o mundo, o presente trabalho tem como objetivo apresentar a metodologia proposta por Rachel Bouvet (2012), os “cadernos de navegação geopoética” ou, como intitulado pela autora, “*Carnets de navigation géopoétique*”. À luz da geopoética, a metodologia busca um novo olhar sobre o mundo e práticas mais humanas, sensíveis, para redescobrir o sentido do gesto de habitar. Saindo das salas de aula e do mundo das “belas letras” e “só ideias”, Bouvet, professora no Departamento de Literatura da Universidade de Quebec em Montreal, dá vida aos ateliês nômades, que consistem em saídas em grupos ou individuais por distintos lugares. Essa abordagem mescla conhecimento científico e a criação literária, observação e experiência, razão e sentimentos, leituras e a arquitetura do espaço, resultando nos cadernos de navegação geopoética – uma reunião de perspectivas e relatos de experiências sobre os lugares visitados.



A pesquisa, de cunho qualitativa e ancorada na perspectiva da Geografia Humanista, teve sua metodologia pautada na revisão da literatura vinculada à temática proposta, bem como a exploração e incorporação dos princípios da geopoética. Esse levantamento, guiado pelo desejo de identificar abordagens que reafirmem a relevância da experiência e da criatividade, encontra seu alicerce em uma perspectiva geopoética, conforme delineada por Kenneth White. A geopoética, segundo White (2019), propõe uma reflexão sobre nossa relação com o espaço terrestre que vai além da visão tradicional, sugerindo a necessidade de explorar nossa conexão intrínseca com a Terra. White (2019) argumenta que ao permanecermos "fiéis à Terra," com a qual estamos biologicamente em sintonia, inevitavelmente nos conectamos ao Cosmos. Por outro lado, ao tentar conquistar o espaço, acabamos por nos perder. Segundo ele, "viver poeticamente na Terra" talvez seja a fórmula mais completa, compreensível e desenvolvida de existir (White 2019).

O Caderno de Navegação Geopoética

A "poética do descobrimento geográfico", anunciada por Dardel (2011), revela um espírito de aventura – uma inquietude por conhecer novos espaços, encontrar novidades e experimentar a alegria de decifrar segredos. Ela transcende a mera exploração física de novos territórios, referindo-se à dimensão simbólica e estética do processo de desbravamento. Dardel sugere que, para além dos interesses políticos e econômicos que motivaram as grandes navegações, existe uma profunda dimensão simbólica e emocional que impulsionou os exploradores.

Ao mergulhar nessa perspectiva, percebemos que a busca por novos horizontes vai além da conquista de terras inexploradas. Ela se torna uma jornada intrínseca ao espírito humano, marcada pela inquietação em conhecer, desvendar e experimentar. A descoberta transcende os limites físicos, tornando-se uma experiência enriquecedora e profundamente significativa.

Na contemporaneidade, em um mundo cada vez mais explorado não no sentido de experienciar ou descobrir lugares, mas pelo uso excessivo de seus recursos, torna-se crucial resgatar o anseio pela descoberta. Isso implica em estimular a procura por novas formas de interação e compreensão dos espaços, reavivando o espírito de aventura e inquietude que permeiam a "poética do descobrimento geográfico". A necessidade de reencontrar esse desejo pode ser interpretada como um apelo para explorar não apenas as geografias físicas, mas também as geografias afetivas e simbólicas.

É neste sentido, como um convite a explorar e experienciar o mundo, que Bouvet (2012), em uma perspectiva geopoética, delineia sua metodologia intitulada "caderno de navegação geopoética". Ao propor essa abordagem, Bouvet lança as bases para uma prática singular que transcende as fronteiras disciplinares, convidando os participantes a embarcar em uma jornada de descobertas que integra conhecimento científico e expressão criativa. Essa metodologia busca reavivar o espírito de exploração e engajamento profundo com o mundo, promovendo uma compreensão mais rica e sensível dos lugares e das experiências humanas.

Essa metodologia não apenas desafia as convenções acadêmicas, mas também inaugura uma perspectiva na qual a integração entre geografia e literatura se torna não apenas possível, mas enriquecedora. No "caderno de navegação geopoética" reside a promessa de uma experiência que transcende os limites tradicionais da pesquisa, convidando os participantes a mergulharem nos ricos territórios da interconexão entre o humano, o literário e o geográfico.

A criação dessa metodologia surge de uma reflexão sobre a interação entre literatura e geografia. Motivada pela necessidade de transcender as limitações impostas pelas abordagens acadêmicas convencionais, Bouvet (2012) propôs uma metodologia que se originou da busca por um entrelaçamento mais profundo entre as disciplinas. Sua inspiração emergiu do reconhecimento de que, historicamente, a teoria literária tendia a conceber o texto como um ente isolado, alheio à realidade espacial. Ao mesmo tempo, a Geografia, embora



fundamentada na exploração física de lugares, muitas vezes negligenciava a profundidade das experiências humanas.

Neste sentido, Rachel Bouvet (2012, 12) adverte:

Lembremos, primeiro, que em geografia, é essencial fazer trabalho de campo, explorar os lugares *in situ*, um procedimento muito inabitual para os professores de literatura que trabalham sobre uma matéria feita de papel e tinta, de palavras, de fatos da língua e não sobre um ambiente físico e humano. Além disso, a teoria literária privilegiou, por um longo tempo, uma concepção do texto literário fechado sobre si mesmo, fundamentalmente diferente do espaço real. Mesmo quando os textos falam do deserto ou do oceano, não viria à mente do pesquisador de literatura sair dos muros da universidade evocando a necessidade de fazer trabalho de campo; esta é, francamente, da ordem do impensável.

A necessidade de reconciliar essas duas perspectivas levou Bouvet a conceber o "caderno de navegação geopoética", uma ferramenta metodológica com abordagem qualitativa que integra a observação e a experiência direta do espaço geográfico com a expressão literária. A metodologia visa criar uma conexão entre as dimensões físicas e simbólicas, convidando os participantes a se tornarem navegadores ativos em um "mar de descobertas", onde a experiência se torna a bússola que orienta a compreensão profunda do mundo ao nosso redor.

É por meio do *La Traversée*, o atelier quebequense de Geopoética, sob a direção de Rachel Bouvet desde a sua fundação em 2004, que ela inaugura os "ateliers nômades" – espaços itinerantes que propõem práticas de saída para explorar, sentir e conhecer o espaço. Esses ateliers ou oficinas nômades, por sua vez, desencadeiam a concepção e materialização dos "cadernos de navegação geopoética". "O atelier nômade oferece, justamente, a ocasião de ligar a exploração física e a exploração literária, sensível, plástica". Os Cadernos de Navegação Geopoética "conservam os traços dessas experiências dos lugares reunindo fotos, poemas, relatos, notícias, ensaios, desenhos, colagens, mapas, etc., realizados pelos participantes" (Bouvet 2012, 12-13).

A metodologia apresentada por Bouvet propõe uma renovação da leitura da paisagem, interrogando a maneira que interagimos com o espaço e buscando desenvolver uma relação sensível com o ambiente. Sua abordagem é fundamentada em três perspectivas principais. A primeira é a *exploração física do lugar*, afluindo a percepção e interação direta com a paisagem. Isso proporciona aos participantes uma experiência singular, estabelecendo uma conexão íntima e polissensorial com o ambiente circundante. A segunda perspectiva envolve a *interação com pessoas ou intervenções* feitas por aqueles que tenham conhecimento aprofundado do sítio a ser visitado ou do assunto a ser debatido, seja por vivência ou mesmo conhecimentos históricos, geográficos e científicos. A terceira perspectiva ilustra a elaboração de *atividades criativas*, tanto individuais quanto coletivas, que refletem as etapas anteriores do processo. Essas atividades abrangem desde desenhos, notas de observação, relatos, fotografias, colagens até a composição de poemas e mapas, buscando expressar as vivências e descobertas durante o atelier nômade.

Para preservar e materializar os vestígios dessas experiências, Bouvet (2012) dá vida ao "Carnets de Navigation", que compilam fotografias, poemas, relatos, notícias, ensaios e outros elementos produzidos pelos participantes. Esses cadernos, moldados de maneira única a cada ocasião e inspirados pelo lugar explorado, consolidam uma multiplicidade de perspectivas, contribuindo para uma compreensão abrangente e poética do local visitado. Como destaca Bouvet (2012, 14), "os *Carnets de navigation* mostram que a arte e a ciência, a pesquisa e a criação, a literatura e a geografia, não somente se completam, mas se enriquecem mutuamente".

Bouvet (2017) propõe saídas de campo que começam com a escolha de um espaço-tema, que orienta a exploração dos participantes. Esse espaço é previamente anunciado, permitindo que os inscritos na atividade se preparem para a jornada de experienciar e expressar o local a ser visitado. Durante cerca de seis semanas, os participantes se envolvem em uma *flânerie*, uma exploração lenta e contemplativa do espaço, onde produzem



uma variedade de materiais criativos, como textos, desenhos, fotos, gravações sonoras, vídeos, e até coleções de artefatos.

A *flânerie*, como aponta Bouvet (2017) é uma prática de deslocamento atento e reflexivo pelo espaço, que valoriza a observação detalhada e a interação sensorial com o ambiente. Caracterizada por um estado de observação (des)compromissada e sensível, o explorador se torna simultaneamente um observador e parte do cenário que explora. Trata-se de uma maneira de experimentar e interpretar o espaço, descobrindo-o e prestando atenção a detalhes que passam despercebidos na rotina acelerada do dia a dia.

As experiências e os elementos que dela derivam são registrados progressivamente em um blog¹, funcionando como notas de campo que documentam o processo de experimentação do espaço visitado. Ao final das seis semanas, essas criações se transformam em um conjunto articulado, que compõe os cadernos de navegação geopoética. Esses cadernos² não apenas representam uma documentação do espaço-tema explorado, mas também refletem a subjetividade e a sensibilidade dos participantes.

Após as saídas de campo e a elaboração dos cadernos de navegação geopoética, as criações são apresentadas em um encontro público. Nesse evento, os participantes compartilham trechos de suas produções, promovendo trocas de experiências e reflexões sobre o percurso realizado. Essa apresentação possibilita a troca de ideias e a reflexão sobre as descobertas e interpretações individuais, promovendo um diálogo coletivo que enriquece a compreensão do impacto e do significado das explorações realizadas.

Assim, fruto de experiências situadas no espaço, os cadernos de navegação revelam como a prática da caminhada geopoética, das *flâneries* e do contato do corpo com o mundo transcende o simples ato de deslocamento físico. Ao documentar essas vivências, Bouvet (2017) demonstra que, ao percorrer o território, as pessoas não apenas se movem fisicamente, mas também inscrevem novas camadas de significado nos lugares que atravessam.

A autora argumenta que o ato de sair, vagar pelas ruas e observar intensifica a relação íntima com o espaço ao redor. O *flâneur* geopoético, aquele que passeia, observa e experimenta, não se contenta em permanecer na superfície das coisas. Após a experiência sensorial, ele se permite aprofundar, explorando as nuances do ambiente e buscando apropriar-se dos saberes ali contidos. Ele revela as camadas de memória do lugar, tanto individuais quanto coletivas, com o objetivo de compreender os diversos estratos que compõem o lugar.

As saídas de campo, nesse sentido, transformam os espaços visitados em um território de habitação. Ao explorar esses ambientes, os envolvidos buscam desenvolver uma conexão profunda com o espaço, tornando-o mais do que apenas um local de passagem. Esse processo é impulsionado tanto pela curiosidade quanto por um certo desprendimento, permitindo que o espaço se revele de maneira única e pessoal.

Essas explorações resultam em traços memoriais, visuais, escritos e digitais, que constituem o que pode ser chamado de uma “assinatura geográfica” (Bouvet 2017). Essa assinatura representa uma expressão única da relação pessoal com o espaço, as grafias de passagem de cada indivíduo. Em outras palavras, cada jornada deixa um registro distinto que reflete a maneira como o explorador interage e desvela o território, marcando sua presença e influência no ambiente percorrido.

Bouvet (2017), ao se basear na noção de assinatura geográfica desenvolvida por Lazzarotti (2007), propõe que a assinatura geográfica representa a expressão pessoal e distintiva que o explorador imprime no espaço por

¹ Blog é um tipo de site que permite a publicação periódica de conteúdos em formato de textos, imagens, vídeos e outros recursos multimídia. Geralmente utilizado para compartilhar ideias, reflexões ou informações sobre uma ampla gama de temas, pode ser pessoal ou profissional, com opções de plataformas gratuitas ou pagas.

² Os cadernos de navegação geopoética ficam disponíveis para acesso no site *la traversée*, permitindo que o público explore as criações e reflexões dos participantes sobre o espaço-tema. <https://latraverseegeopoetique.com/publications-2/carnets-de-navigation/>



meio de suas observações e registros. Esses registros – que podem ser textos, desenhos, fotografias, etc. – não só documentam a experiência, mas também prolongam e expandem a vivência do espaço, oferecendo uma dimensão temporal adicional.

Ao compartilhar essas criações em um blog ou em outros meios, contribui-se para um "espaço de co-habitação", onde o parque, o bairro, a praça ou qualquer outro ambiente experienciado se transforma em um território compartilhado com outros exploradores. Assim, o espaço passa a ser não apenas um local de habitação individual, mas um espaço coletivo enriquecido por diversas perspectivas e interpretações (Bouvet 2017).

Registros de navegação: tecendo geo-grafias

A proposta de Bouvet de explorar o espaço geográfico por meio de ateliês ou oficinas nômades promovem a experiência como uma forma primordial de conhecimento. Ela reconhece que a compreensão do espaço vai além de descrições generalizadoras e demonstra que as experiências vividas são fundamentais para captar o espírito do lugar, isto é, a identidade e o caráter singular de cada local. Formado pela interação entre suas características físicas, culturais e históricas, o espírito do lugar sugere que o espaço geográfico não é apenas um local físico, mas que também carrega os significados e as significações dos indivíduos que o habitam.

Em sua obra *Topofilia*, Tuan (1980) descreve o lugar como uma "pausa no movimento", uma interrupção que permite ao espaço se transformar em um centro de significados. Para ele, o lugar é mais do que uma simples localização; é um ponto de estabilidade que ganha vida e se enriquece com histórias, emoções e significados pessoais. É o instante em que a contínua fluidez do espaço se firma e se torna um cenário onde experiências e memórias podem se fixar e florescer. Bouvet (2012; 2017), ao propor seus ateliês nômades, oferece precisamente essa pausa necessária para uma imersão profunda no espaço e no encontro com os lugares. Ao interromper a rotina monótona do dia a dia, seus ateliês proporcionam um ambiente propício para estabelecer relações com os lugares de ancoragem, ao mesmo tempo que lança o convite para explorarmos os lugares de "alhores".

Lugares de ancoragem, como aponta a autora, são aqueles com os quais temos uma conexão profunda e pessoal, oferecendo estabilidade, identidade e um sentimento de pertencimento. Esses locais são fundamentais para o nosso senso de continuidade e familiaridade, como a casa de infância, a cidade natal ou um bairro significativo. Eles são âncoras em nossa vida cotidiana, fornecendo uma base sólida a partir da qual podemos refletir sobre nossa identidade e experiência.

Por outro lado, os lugares de "alhores" referem-se a espaços que estão fora do nosso cotidiano habitual, muitas vezes distantes ou estranhos. Esses lugares não têm a mesma familiaridade ou pertencimento que os lugares de ancoragem, mas oferecem oportunidades para novas descobertas. Eles despertam sentimentos de deslocamento e curiosidade, desafiando nossas percepções e expandindo nosso entendimento do espaço geográfico.

Por meio do experienciar e expressar a Terra – desdobramentos de suas navegações geopoéticas pelo espaço – Bouvet (2012) nos convida a redescobrir a poética primordial do habitar humano. Sua proposta promove uma imersão sensível nas sutilezas do espaço, revelando como cada vivência e expressão pessoal podem desvelar as camadas mais profundas e significativas do lugar. A interação íntima com o espaço permite acessar a essência poética e simbólica que define nossa relação com o ambiente, revelando-se em modos sensíveis de habitar.

Segundo Bouvet (2017), o ponto de partida deve ser o restabelecimento de uma comunicação efetiva com o território. A Terra se manifesta através de múltiplas formas, mas, imersos no caos e nas obrigações cotidianas, perdemos a capacidade de captar e interpretar suas expressões. Nesse sentido, a sua proposta, que inclui os



"Carnets de Navigation Geopoétique" como desdobramentos dos ateliês nômades, emerge como uma proposta metodológica para reverter esse distanciamento, oferecendo uma forma de registrar e interpretar as grafias da Terra.

Os cadernos, em seus registros de navegação, permitem que as vivências e as descobertas realizadas nos ateliês sejam transcritas de maneira a capturar os signos e as narrativas do espaço. Nesse movimento de grafias e reflexão, o processo possibilita o resgate da poética do lugar, revelando as dimensões mais profundas e significativas do ambiente. Assim, promove-se uma renovação na forma como percebemos e nos relacionamos com o espaço, ressignificando a conexão com o mundo ao nosso redor.

Amar (1990), em *Le sens de la terre*, levanta questões essenciais sobre como podemos cultivar uma "ciência da terra" que vá além das abordagens tradicionais, que muitas vezes fragmentam o conhecimento em disciplinas formais. Ele propõe uma renovação da nossa "experiência da terra" através de uma epistemologia que seja aberta, flexível e poética, permitindo uma reconexão genuína com o ambiente.

Os cadernos de navegação de Bouvet ecoam esse anseio por uma sabedoria telúrica. Ao registrar as vivências e descobertas dos ateliês nômades, esses cadernos criam novos mapeamentos que vão além da formalidade e do rigor das técnicas cartográficas. Eles estabelecem uma nova cartografia relacional, desvelando as dimensões simbólicas do espaço. Cada traço se torna um fio de conexão entre a percepção sensível e a experiência de mundo, revelando uma (re)apresentação do lugar que integra tanto aspectos emocionais quanto outros significados que transcendem a mera precisão dos dados.

Para uma verdadeira experiência da realidade, é imperativo dispor de uma base conceitual e uma linguagem que se entrelace com a essência da nossa existência. Amar (1990) sugere que, sem uma linguagem "aterrada", "enraizada", que expresse nossas geograficidades, isto é, a cumplicidade natural do homem com a Terra (Dardel 2011), qualquer experiência intensa corre o risco de ser apagada, esquecida ou distorcida. É nesse sentido que o desafio da geopoética é a busca de uma linguagem para o mundo: uma linguagem que não retire as coisas da mundanidade, mas pelo contrário, as restaure (Amar, 1992).

Em busca de um fazer geográfico que não retire as experiências da materialidade do mundo, de sua base telúrica, em trabalhos anteriores, como na tese "Geo[grafias]poéticas: entre educação e modos sensíveis de habitar" (Araujo 2022), utilizando a metodologia de Bouvet como base orientadora, propusemos uma "forma outra" de ler a cidade e as experiências urbanas. Em um inventário de detalhes que busca a poesia nas palavras, no caminhar, nas pausas e nos movimentos, desenvolvemos registros de navegação que narram uma cartografia relacional e íntima de trajetos percorridos por diferentes cidades.

Contraopondo os modos formais de construção de conhecimento, esse exercício permitiu explorar outras possibilidades de dizer a cidade. Ao adotar uma abordagem que privilegia a narrativa pessoal e o registro poético dos trajetos urbanos, buscamos preservar as subjetividades e as poéticas da existência, como clama Krenak: "Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência" (Krenak 2019, 21).

O caderno de navegação, enquanto base metodológica da tese, revelou-se como um modo de expressar a experiência sensível da paisagem, como um antídoto contra o espetáculo que marca, muitas vezes, nossa experiência com o espaço urbano. Atuando como uma subversão à monotonia, o caderno propôs uma imersão no espaço urbano que possibilitou novas formas de relacionamento, superando as exigências da produção e do consumo.

Em busca de alternativas para "dizer o mundo" que não se restringissem às cartografias tradicionais e às teorias convencionais, frequentemente limitadas a convenções conceituais, os cadernos de navegação expressam novas formas de interpretar e representar a realidade. A geopoética ofereceu uma abertura crítico-criativa, permitindo-nos questionar como habitamos o espaço e propor formas criativas de expressá-lo.



Em um recorte do caderno de navegações, expresso:

Em um movimento de habitar a paisagem, durante o caminho muitas outras cenas foram sendo desveladas. Tendo as ruas das cidades como uma espécie de biografia, na qual a vida de seus habitantes e suas relações com os espaços iam sendo narradas, fui lançando-me às percepções, apreendendo as cidades de maneira "corpográfica", mapeando com e no corpo, as experiências dessas relações. [...] Assim me sentia a cada ato de deambulação, frente às possibilidades ínfimas de deciframentos, explorando a superfície poética do espetáculo urbano. Percebo que as práticas de derivas realizadas ilustram a plasticidade do fenômeno urbano, tensionando as imagens prontas construídas de uma cidade. As mesmas multiplicam as perspectivas através das quais percebemos e construímos mentalmente a cidade, a partir de um mundo plural e de novas narrativas urbanas [...] (Araujo 2022, 104-105).

O caderno de navegações revelou-se uma metodologia fundamental para a análise da experiência urbana. Sua utilização permitiu a experiência de uma abordagem "corpográfica", que privilegia a interação direta e sensível com o espaço urbano. Esse método facilitou uma apreensão mais sensível das dinâmicas espaciais e das relações entre os habitantes e os seus espaços de vida, revelando aspectos que alguns métodos tradicionais poderiam negligenciar. Nota-se como os registros de navegações possibilitaram a construção de uma nova narrativa sobre a cidade, destacando a importância das percepções pessoais e das práticas de deriva na construção de uma compreensão poética do ambiente urbano.

Esses registros revelam algo fundamental sobre a análise geográfica: a importância de incluir a subjetividade e a sensibilidade no fazer geográfico. Muitas vezes, abordamos a Geografia de uma forma que se concentra em dados objetivos e análises quantificadas. No entanto, esses registros mostram que há muito mais a considerar. O espaço não é apenas um local físico, mas um campo de experiências pessoais, emoções e percepções que moldam como vivenciamos e entendemos o mundo.

Incorporar a subjetividade na análise geográfica é reconhecer que cada pessoa experimenta e sente o espaço de forma única. Isso nos lembra que não há uma narrativa universal sobre os lugares. Em vez disso, é fundamental valorizar e estimular as histórias marginalizadas – aquelas que muitas vezes estão à margem das narrativas predominantes. É entender que os lugares têm significados diferentes para cada indivíduo, baseados em suas histórias pessoais, memórias e sentimentos. A sensibilidade permite perceber nuances e sutilezas que muitas vezes passam despercebidas em abordagens mais rígidas. Ao integrar essas dimensões subjetivas e sensíveis, podemos descobrir outras formas de ler o espaço, que vai além das medidas e estatísticas.

Os "Carnets de Navigation Geopoétique", nesse sentido, não se limitam a registrar o espaço físico; eles capturam o pulsar das emoções e as interpretações pessoais que emergem a cada passo da exploração. Eles revelam o encontro entre a ciência, a arte e a literatura, onde o rigor dos dados se entrelaça com a beleza das experiências vividas e a criatividade das percepções individuais.

Em última análise, a geopoética nos ensina que a análise geográfica não deve se limitar a um conjunto de dados, mas deve abraçar a complexidade das experiências humanas e a diversidade das percepções individuais. Esse enfoque mais humanizado nos permite conectar de forma mais significativa com o espaço e entender como ele é vivido e sentido de maneiras distintas. Ao fazermos isso, enriquecemos nossa compreensão de mundo e aprofundamos nossa conexão com os lugares que habitamos.

Considerações Transitórias

A incursão nas nuances da geopoética e na metodologia singular dos "Carnets de Navigation Geopoétique" revela-se como um desdobramento promissor no campo da geografia contemporânea. Ao adentrar esse domínio interdisciplinar, percebemos que a abordagem proposta por Bouvet transcende a rigidez dos paradigmas científicos tradicionais, proporcionando uma dimensão enriquecedora e holística à compreensão do espaço geográfico.



A geopoética instiga uma reflexão profunda sobre a relação do ser humano com a Terra. Sob essa perspectiva, a experiência e a criatividade tornam-se agentes essenciais na interpretação e representação do espaço. Os "Carnets de Navigation Geopoétique", neste contexto, não se configuram meramente como instrumentos de registro, mas como o desdobrar da interseção entre experiência e criatividade, entre ciência geográfica e expressão artística. Ao preservarem as experiências, reflexões e criações dos participantes, tais cadernos transcendem o caráter efêmero da vivência, transformando-se em fontes substanciais de conhecimento.

Portanto, em um panorama científico que busca constantemente evoluir, os "Carnets de Navigation Geopoétique" emergem como catalisadores de uma mudança paradigmática, desafiando a dicotomia entre a objetividade científica e a subjetividade da vivência humana. Eles incitam a renovação das práticas geográficas para uma compreensão cada vez mais abrangente do mundo em que vivemos.

Referências

- Amar G 1990. Le Sens de la Terre. In Cahiers de Géopoétique 1. Paris.
- Araujo, D. B. de. Geo[Grafias]Poéticas: Entre Educação e Modos Sensíveis de Habitar. PhD diss., Universidade Estadual de Londrina, 2022.
- Bouvet R 2012. Como Habitar o Mundo de Maneira Geopoética? Interfaces Brasil/Canadá 12(1):9-16.
- Bouvet R 2017. Habiter l'Espace Montréalaise: Dynamique des Flâneries Géopoétiques. Interfaces Brasil/Canadá 17(3):31-48.
- Dardel É 2011. O Homem e a Terra. Trad. Werther Holzer. Perspectiva, São Paulo, 159 pp.
- Castro LC 2018. Habitar o Mundo: A Existência como Criação na Época da Técnica. Revista Ideação 1(38):176-186.
- Daveau S 1998. A 'Terra' dos Homens: Uma Palavra Carregada de Sentidos. Cadernos de Geografia 17:61-64.
- Krenak A 2019. Ideias para Adiar o Fim do Mundo. Nova ed. Companhia das Letras, São Paulo, 208 pp.
- Lazarrotti O 2007. Habiter, la Condition Géographique. Géographie et Cultures 63:137-138.
- Roggero P 2013. Géopoétique et Anthropolitique du Territoire. In J.L. Le Moigne et al., Intelligence de la Complexité, p. 259-266.
- Tuan Y-F 1980. Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. Trad. Livia de Oliveira. Difel, São Paulo, 295 pp.
- White K. Textos Fundadores [texto na Internet]. Instituto Internacional de Geopoética; 1989 [acessado em 17 ago. 2024]. Disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores>.
- White K. O Grande Projeto Geopoético [texto na Internet]. Institut Géopoétique; 2019 [acessado em 17 ago. 2014]. Disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org/pt/artigos/296-o-grande-projeto-geopoetico>.